

MISTERIUM FASCINANS: A FÉ COMO CAMINHO PARA O SELF

Mysterium Fascinans: faith as a path to the Self

Camila Juliana Batista Nakasato¹

Marta Alice Nelli Bahia²

João Paulo Martins³

¹Discente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru

²Orientadora e Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru

³Co-orientador e Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru

Resumo: Este trabalho de conclusão de curso investiga a espiritualidade e a fé como dimensões essenciais do processo de individuação na perspectiva da psicologia analítica. A partir de uma pesquisa exploratória com levantamento bibliográfico nas bases LILACS, SCIELO, PEPSIC, consultadas por meio do site Google Acadêmico, BVS e BIREME, analisou-se como a experiência do numinoso, compreendida como *mysterium tremendum et fascinans*, pode constituir caminho para o Self, centro organizador da totalidade psíquica. O estudo fundamenta-se em obras da psicologia analítica e de autores pós-junguianos, além de contribuições da psicologia da religião, psicologia da saúde e psicopatologia. Os resultados indicam que a espiritualidade, quando vivida como função religiosa da psique (*religio/religare*), impulsiona o processo de individuação ao favorecer a integração de aspectos conscientes e inconscientes. A fé, compreendida não como adesão dogmática, mas como resposta afetivo-existencial ao numinoso (*pístis*), sustenta o sujeito na travessia de crises e reorganiza seu horizonte de sentido. Evidências da literatura sobre religioso-espiritual demonstram que a espiritualidade pode favorecer saúde mental, resiliência e enfrentamento de traumas, desde que elaborada simbolicamente e não convertida em inflação egóica ou alienação. Do ponto de vista clínico, o trabalho propõe critérios de discernimento entre experiências espirituais autênticas e manifestações psicopatológicas, destacando a importância de uma escuta qualificada da dimensão espiritual na prática terapêutica. Conclui-se que a fé, vivida como confiança num sentido que se revela na trama da vida, constitui caminho legítimo para o Self, contribuindo para a realização da totalidade psíquica e para o cuidado integral da alma.

Palavras-chave: Fé; Espiritualidade; Numinoso; *Religare*; Psicologia Analítica Junguiana.

Abstract: This undergraduate thesis investigates spirituality and faith as essential dimensions of the individuation process from the perspective of analytical psychology. Through exploratory research with bibliographic survey in the LILACS, SCIELO, and

PEPSIC databases, accessed via Google Scholar, VHL (Virtual Health Library), and BIREME, the study analyzed how the experience of the numinous, understood as *mysterium tremendum et fascinans*, can constitute a path to the Self, the organizing center of psychic totality. The study is grounded in works of analytical psychology and post-Jungian authors, as well as contributions from the psychology of religion, health psychology, and psychopathology. The results indicate that spirituality, when lived as a religious function of the psyche (*religio/religare*), propels the individuation process by favoring the integration of conscious and unconscious aspects. Faith, understood not as dogmatic adherence but as an affective-existential response to the numinous (*pistis*), sustains the subject through crises and reorganizes their horizon of meaning. Evidence from the religious-spiritual literature demonstrates that spirituality can promote mental health, resilience, and trauma coping, provided it is symbolically elaborated and not converted into ego inflation or alienation. From a clinical perspective, the work proposes criteria for discernment between authentic spiritual experiences and psychopathological manifestations, highlighting the importance of qualified listening to the spiritual dimension in therapeutic practice. It concludes that faith, lived as trust in a meaning that reveals itself in the fabric of life, constitutes a legitimate path to the Self, contributing to the realization of psychic wholeness and the integral care of the soul.

Key words: Faith; Spirituality; Numinous; *Religare*; Jungian Analytical Psychology.

Introdução

No processo de individuação, um conceito central na teoria junguiana, a espiritualidade e a fé desempenham papéis essenciais, sendo a individuação, o processo de integração dos aspectos conscientes e inconscientes da psique, no qual o indivíduo busca o equilíbrio e a harmonia interna (Alencar *et al.*, 2021). Os autores argumentam que a espiritualidade é uma força que impulsiona esse processo de individuação, ajudando o indivíduo a se reconectar com os aspectos profundos de sua psique e com o transcendente. A busca por significado, que caracteriza a espiritualidade, é vista como um caminho para a realização do Self, o centro da psique que representa a totalidade do ser humano (Alencar *et al.*, 2021). Nesse contexto, a espiritualidade não é apenas uma prática religiosa ou filosófica, mas uma força psíquica que orienta o indivíduo na busca por sua completude e autoconhecimento.

Visto que a religião constitui, sem dúvida alguma, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, subentende-se que todo tipo de psicologia que se ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos. (Jung, OC 11/1, §1).

A partir dessa reflexão, evidencia-se que a espiritualidade e a fé desempenham papéis fundamentais na constituição da subjetividade humana, sendo componentes essenciais da constituição psicológica do ser humano. Essas dimensões, não se

restringem a práticas religiosas institucionais, mas manifestam-se como expressões profundas da psique, frequentemente associadas à busca por sentido, à conexão com o transcendente e à realização interior (Alencar *et al.*, 2021).

Segundo esse autor, espiritualidade e fé são temas centrais em diversas áreas do conhecimento, principalmente na psicologia, onde são compreendidos como essenciais ao ser humano. No contexto da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, essas vivências não se limitam a práticas religiosas formais, mas constituem movimentos profundos da psique humana. A espiritualidade pode ser entendida como busca por transcendência, sentido e conexão com algo superior, enquanto a fé refere-se à confiança ou crença em algo que transcende a experiência racional, frequentemente relacionada ao divino ou à capacidade de encontrar significado na vida (Alencar *et al.*, 2021).

Conforme definida por Laranjeira (2024), a espiritualidade, é uma busca pessoal e interna pela conexão com o divino ou com o transcendente. A autora destaca que, ao contrário da religiosidade institucionalizada, a espiritualidade é uma experiência subjetiva que se manifesta na vivência de valores, práticas e símbolos que buscam dar sentido à vida. De acordo com Laranjeira (2024), embora Jung, não tenha usado o termo "espiritualidade" de forma explícita, considerava-a como uma necessidade arquetípica da psique humana, uma busca por totalidade e autoconhecimento. Miranda (2019) acrescenta que a espiritualidade, dentro da psicologia junguiana, não se limita a crenças religiosas, mas abrange uma dimensão existencial fundamental do ser humano, relacionada à busca de significado e à reconciliação com elementos inconscientes da psique.

A fé, conforme discutido por Chiarelo (2022), é uma atitude de confiança e crença em algo que transcende o entendimento racional, é uma força psíquica que tem o poder de transformar. Segundo Gewehr (2021), Jung observa que a fé é frequentemente tomada como a expressão mais autêntica da experiência religiosa, quando na verdade emerge como fenômeno secundário, fruto de uma vivência psíquica primária, que nos toca e desperta a *pístis*, isto é, uma confiança profunda e leal. A crença religiosa, nesse sentido, ancora-se na experiência do numinoso, termo que Jung assume a partir de Rudolf Otto, compreendida como um impulso mobilizador que escapa ao controle da consciência. Como observa ainda Gewehr (2021), trata-se de um fenômeno que não depende necessariamente da religião confessional, mas que se expressa nas formações psíquicas singulares, nos mitos, nos sonhos e até nos

delírios psicóticos. As imagens religiosas, organizadas em torno de práticas e preceitos, formam as religiões institucionais, mas sua origem reside na vivência simbólica e irracional do sagrado, frequentemente vinculada ao Self e às forças do inconsciente coletivo.

Chiarello (2022) sugere que a fé pode ser uma ferramenta terapêutica importante, pois oferece ao paciente uma maneira de lidar com os conflitos internos e as dificuldades emocionais, proporcionando-lhe recursos para a superação de crises existenciais. A fé como expressão do inconsciente coletivo, representa uma conexão profunda com os arquétipos universais que estruturam as experiências humanas, assim, pode ser entendida como uma vivência simbólica que permite ao indivíduo acessar o transcendente, promovendo uma transformação psíquica fundamental no processo de individuação.

O sentido da palavra religião, *religio* (*re* e *ligare*), tem o significado de tornar a ligar, o que se torna fundamental para entender o papel da espiritualidade no processo de individuação, religando o consciente com elementos do inconsciente. (Silveira, 2023). O termo, originário do latim, refere-se ao ato de restaurar a conexão do ser humano com o divino, consigo mesmo e com os outros. Conforme Silveira (2023), Jung diz que a religiosidade e a espiritualidade atuam como formas de "*religare*", reconectando o indivíduo com seu inconsciente e com as forças universais que permeiam a psique humana. De acordo com Silveira (2023), a espiritualidade pode ser vista como o caminho para o *religare*, onde o indivíduo não apenas se reconcilia com suas próprias sombras, mas também encontra um sentido mais profundo para sua existência, alcançando a totalidade psíquica e a integração do Self.

No Círculo de *Eranos*, Jung discutia suas ideias com outros pensadores, como Rudolf Otto e Mircea Eliade, ele afirmou que a religiosidade e a espiritualidade são expressões universais da psique humana, e que a experiência religiosa é uma das formas mais poderosas de acessar os arquétipos e as forças inconscientes que estruturam nossa psique (Lemos, 2014). Esses pensadores viam a experiência religiosa como uma vivência simbólica que poderia ser usada para integrar aspectos fragmentados da psique, promovendo a transformação.

A importância da espiritualidade no processo de individuação, conforme discutido por Alencar *et al.* (2021), é clara: ela oferece ao indivíduo os recursos necessários para enfrentar os conflitos internos e as adversidades da vida, guiando-o em direção a uma maior compreensão de si mesmo e de sua relação com o universo.

A fé, como força psíquica que conecta o indivíduo com o transcendente, desempenha um papel essencial nesse processo, fornecendo ao indivíduo o sentido e a motivação necessários para alcançar a totalidade psíquica e a realização do Self (Alencar *et al.*, 2021)

Este trabalho visa explorar como a espiritualidade e a fé, dentro da teoria junguiana, são componentes essenciais do processo de individuação, promovendo a reconciliação do indivíduo consigo mesmo e com o transcendente. A partir da análise das contribuições de Carl Gustav Jung e de autores contemporâneos, como Marie-Louise Von Franz, James Hillman, Joseph Campbell e Edward Edinger, busca-se compreender como esses conceitos podem ser aplicados na prática terapêutica, oferecendo uma abordagem integrada que reconhece o papel fundamental da espiritualidade e da fé na evolução do indivíduo em direção a sua individuação.

Métodos

A partir do objetivo proposto, o percurso metodológico será feito por meio da pesquisa exploratória. A pesquisa exploratória tem como:

Objetivo, proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (Gil, 2002, p.41).

Foi realizado um amplo levantamento de artigos e pesquisas publicados em periódicos indexados nas bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e Caribe em Ciências da Saúde), SCIELO (Scientific Eletronic Library Online) e PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) consultada por meio do site Google Acadêmico e da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), com a delimitação dos dados obtidos para a realização de uma devida análise, formulando as hipóteses e resultados coerentes ao contexto desenvolvido no trabalho como um todo. Os índices do trabalho foram devidamente referenciados em “*Misterium Fascinans: A Fé Como Caminho Para O Self*”. E para fins da análise qualitativa, todos esses dados foram refletidos e devidamente analisados e interpretados indicados dentro dos tópicos de Desenvolvimento e Considerações Finais.

Os descritores usados na pesquisa foram: fé; espiritualidade; numinoso; *religare*; psicologia anomalística. Foram incluídos nesta revisão estudos da língua

portuguesa, espanhola e inglesa publicados com mais de 10 anos, visto a escassez de produção científica sobre o tema proposto pela pesquisa. Serão excluídos estudos que não apresentarem informações pertinentes ao tema, artigos duplicados, e aqueles não apresentados na íntegra.

Desenvolvimento

Na intenção de tecer a importância de como a espiritualidade e a fé são componentes essenciais do processo de individuação, promovendo a reconciliação do indivíduo consigo mesmo e com o transcendente, a discussão do presente trabalho se distribui em 6 itens que teve como propósito construir um tempo narrativo integrado, amparado em conceitos que subsidiam a compreensão do leitor acerca da relevância da espiritualidade e da fé aplicados na prática terapêutica para o pensamento junguiano centradas em: (1) O sentido do título da pesquisa; (2) A Espiritualidade e a Fé no Processo De Individuação; (3) O Numinoso E A Experiência Simbólica Do Sagrado; (4) Aplicações clínicas e terapêuticas da espiritualidade; (5) Contribuições Pós-Junguianas; (6) Discernimento Clínico: Espiritualidade e Psicopatologia.

O Sentido do Título: *Mysterium Fascinans*: A Fé como Caminho para o Self

O termo *Mysterium Fascinans* foi originalmente formulado por Rudolf Otto ao descrever a experiência do sagrado como algo que, ao mesmo tempo, provoca encantamento, atração profunda, arrebatamento e uma sensação de presença que transcende a racionalidade. Essa vivência, segundo Otto (2022), é parte do numinoso, isto é, uma experiência emocional e psíquica que não se explica pela razão, mas que toca algo essencial e arquetípico no ser humano.

Ao escolher como título deste trabalho *Mysterium Fascinans*: A Fé Como Caminho Para o Self, buscou-se destacar que a fé, no contexto da psicologia analítica, não é compreendida como adesão dogmática a um sistema religioso, mas como força psíquica viva que surge da experiência direta com o numinoso, ou seja, é uma vivência de espiritualidade que promove intensas contribuições transformadoras. Trata-se de uma disposição interna que liga o indivíduo a algo maior do que ele mesmo, uma força integradora, que orienta o processo de individuação (Silveira, 2023).

A fé, nesse sentido, é menos um ato da razão e mais uma resposta afetiva ao chamado simbólico do sagrado que emerge das profundezas da psique. Essa resposta afetiva é o que Otto (2022) chamou de *fascinans*, isto é, o caráter fascinante,

e atraente do mistério divino. Se, por um lado, a experiência numinosa pode suscitar temor (*tremendum*), por outro, ela convida o sujeito a aproximar-se, a entregar-se ao processo de transformação interior.

Segundo os artigos a fé é compreendida como caminho, um percurso simbólico que conduz o sujeito ao encontro consigo mesmo. E esse encontro não é meramente introspectivo, mas relacional, pois envolve uma abertura para o transcendente. O Self, quando vivenciado, manifesta-se muitas vezes por símbolos religiosos, imagens arquetípicas, revelando que a espiritualidade é dimensão estruturante da psique humana. A fé, não é apenas um recurso psicológico, mas um movimento existencial que orienta, sustenta e conduz o processo de individuação rumo à totalidade.

A Espiritualidade e a Fé no Processo de Individuação

A partir da introdução, é possível aprofundar a compreensão da espiritualidade e da fé como dimensões estruturantes da psique e forças que impulsionam o processo de individuação. Em Jung, a religiosidade não se reduz à adesão a um credo, mas constitui uma função psíquica autônoma, enraizada no inconsciente, que remete ao encontro com o numinoso e com o Self enquanto centro organizador da totalidade psíquica (Jung, OC 11/1, §§ 9-11). Nesse sentido, espiritualidade e fé são para a vida psíquica, expressões dessa função religiosa que orienta o sujeito em direção a um eixo de sentido.

Alencar *et al.* (2021) compreendem a espiritualidade como força que impulsiona o indivíduo a buscar significado para sua existência, favorecendo o enfrentamento de conflitos internos e de adversidades, e auxiliando-o a se aproximar da realização do Self. A espiritualidade, assim, aparece como dinamismo de busca de sentido que articula as experiências conscientes com conteúdos profundos do inconsciente, abrindo o sujeito ao transcendental e à dimensão simbólica da realidade.

O desenvolvimento humano abrange múltiplas dimensões e se manifesta por meio de transformações contínuas ao longo da existência. Essa totalidade da experiência de integração psíquica — compreendida como o surgimento do Si-mesmo na estrutura psicológica e na consciência — é conceituada por Carl Gustav Jung e denominada processo de individuação (Alencar *et al.*, 2021).

O termo *religio*, derivado de *re-ligare*, é particularmente fecundo para pensar essa dinâmica. Conforme já discutidos pelos autores, a religiosidade, em Jung, diz respeito a esse movimento de “religar” o ego a uma instância mais ampla, que é o

Self, por meio da experiência simbólica do sagrado (Silveira, 2023). A espiritualidade, nesse contexto, constitui o caminho subjetivo desse *religare*: por meio da oração, da contemplação, dos rituais, mas também através de mitos, sonhos e sincronicidades, onde o indivíduo é conduzido a um diálogo vivo com as imagens que emergem do inconsciente, reorganizando o campo da consciência.

Alencar *et al.* (2021) destaca que experiência religiosa se origina, a partir de dois elementos fundamentais: a experiência do numinoso e a *pístis*, entendida como fidelidade, fé e confiança depositadas pelo sujeito diante de uma vivência dotada de caráter numinoso, bem como da transformação de consciência que dela resulta. Um dos exemplos mais significativos desse processo é a conversão de Paulo. A vivência espiritual promove profundas metamorfoses na estrutura de valores pessoais, orientando para um desenvolvimento espiritual que corresponde ao progressivo "tornar-se a Si-mesmo" pela integração consciente do arquétipo da totalidade, também concebido como arquétipo divino ou *imago Dei*.

Nesse horizonte, a fé não se reduz a um assentimento doutrinário: configura-se como resposta afetivo-existencial ao irromper do numinoso (*mysterium fascinans*), cuja presença se impõe à consciência com tonalidade sagrada e excede a razão (Otto, 2022). Trata-se de uma disposição de confiança (*pístis*) diante da realidade psíquica das imagens emergentes do inconsciente, pela qual o ego consente em ser afetado e transformado (Alencar *et al.*, 2021). Assim entendida, a fé opera como modo de relação com o Self — não como crença "certa" ou "errada", mas como fidelidade ao chamado simbólico que convoca integração e ampliação de consciência — favorecendo a individuação (Gewehr, 2021; Jung, OC 11/1, §§ 8-9).

Otto (2022) descreve o numinoso como uma experiência que, ao irromper na consciência, provoca uma tonalidade emocional específica – o *mysterium tremendum*, que pode variar desde uma suave maré de devoção até estados de êxtase, temor e fascínio. A fé, nesse contexto, é o movimento que permite ao ego não somente ser afetado por essa experiência, mas sustentar, elaborar e integrar seus efeitos, em vez de recuar perante eles.

Do ponto de vista clínico e existencial, a fé pode operar como força transformadora na travessia do sofrimento, ao oferecer horizonte de sentido, sustentar a esperança e ampliar a rede simbólica e comunitária de apoio. Segundo Chiarello (2022), a literatura sobre *coping* religioso-espiritual (CRE), inserida na psicologia da saúde, psicologia positiva, da religião e da abordagem cognitivo-comportamental,

define-o como o modo pelo qual o indivíduo mobiliza crenças, valores e práticas espirituais/religiosas para lidar com estressores e traumas mediante estratégias cognitivas e comportamentais. Evidências apontam que o CRE está associado a melhor qualidade de vida, saúde física e mental, quando favorece a busca de significado, a percepção de amparo transcendente e o engajamento comunitário. A literatura distingue dimensões positivas e negativas do CRE: as positivas incluem conexão e proteção percebida por Deus/forças transcendentais, perdão e crescimento espiritual; as negativas envolvem medo, culpa e conflitos religiosos que intensificam o sofrimento.

Em termos clínicos, isso requer discernimento sobre quando a espiritualidade funciona como fator de enfrentamento, restauração psicoemocional e reorganização de valores — e quando, ao contrário, bloqueia o processo adaptativo e agrava a dor (Chiarello, 2022).

Na mesma direção, Jaspard (2004) indica que, diante da dor e das perdas, sujeitos cuja fé se organiza de maneira mais integrada, tendem a buscar formas de enfrentamento positivas, evitando a pura resignação passiva e procurando, ainda que com ambivalências, integrar o sofrimento em uma perspectiva de sentido.

Barbosa (2020), ao revisar produções sobre espiritualidade e Espiritismo kardecista à luz da psicologia analítica, conclui que a presença da espiritualidade na vida psíquica pode favorecer a saúde mental, aumentar a resiliência frente a traumas e contribuir para o processo de individuação, desde que a relação com o sagrado seja discriminada e elaborada simbolicamente. Jung (OC 11/1, §§ 6-9) observa que a experiência religiosa genuína não pode ser produzida pela vontade, mas irrompe espontaneamente do inconsciente como manifestação de uma instância autônoma que transcende o ego. Essa autonomia do fator religioso — que Jung denomina "numinoso" — implica reconhecer que a psique possui uma dimensão que escapa ao controle racional e se impõe com força própria, exigindo do ego uma atitude de receptividade e humildade. A função religiosa, portanto, não é uma construção cultural arbitrária, mas uma necessidade psíquica enraizada na estrutura arquetípica do inconsciente coletivo (Jung, OC 9/1, §§ 5-6).

Em "Psicologia e Alquimia" (OC 12, §§ 13-15), Jung enfatiza que os símbolos religiosos emergem naturalmente nos sonhos e fantasias como expressões do Self, indicando que a busca por totalidade é inerente à psique humana. A imagem de Deus, nessa perspectiva, corresponde psicologicamente ao arquétipo do Self — não como

afirmação metafísica sobre a existência de Deus, mas como constatação empírica de que existe na psique uma *imago Dei*, uma representação interna da totalidade que organiza, orienta e transcende a consciência egóica (Jung, OC 11/1, § 81; OC 9/2, § 43). Jung também adverte sobre os perigos da identificação do ego com conteúdos numinosos. Quando o ego se confunde com o Self ou se identifica literalmente com símbolos religiosos, ocorre o fenômeno da inflação psíquica, podendo conduzir a estados de megalomania, fanatismo ou desintegração psicótica (Jung, OC 7, §§ 227-241). A saúde psíquica exige, portanto, a capacidade de reconhecer a alteridade do numinoso — sustentando a tensão entre ego e Self sem sucumbir à identificação nem à negação defensiva.

Por fim, a conexão entre espiritualidade, *religare* e totalidade do Self pode ser sintetizada na ideia de que a experiência espiritual autêntica devolve o ego ao seu próprio lugar, relativizando suas pretensões de centralidade e abrindo-o à dimensão do mistério. Laranjeira (2024) ressalta que a experiência religiosa, quando vivida de maneira simbólica e não literalista, pode se constituir como caminho de encontro entre ego e Self, oferecendo ao sujeito uma imagem de totalidade que o orienta, sem que ele se confunda com ela.

Jung (OC 11/4, §§ 740-758) propõe que a individuação implica necessariamente uma relação viva com o inconsciente, e essa relação assume frequentemente forma religiosa, pois toca dimensões que ultrapassam a compreensão racional. O processo de individuação não elimina o mistério, mas aprofunda a capacidade de habitá-lo conscientemente. Nesse sentido, a atitude religiosa — entendida como abertura ao numinoso e reconhecimento da alteridade do Self — constitui-se como postura psicológica essencial para o amadurecimento da personalidade (Jung, OC 16, §§ 399-400).

É essa tensão viva entre limite humano e abertura ao transcendente que torna a fé um verdadeiro caminho para o Self, e não apenas um sistema de crenças.

O Numinoso e a Experiência Simbólica do Sagrado

A compreensão da espiritualidade e da fé na psicologia analítica passa, necessariamente, pelo conceito de numinoso. Otto (2022) define o numinoso como um *mysterium tremendum*, isto é, um mistério que excede a racionalidade, despertando no sujeito uma experiência de temor, assombro e fascínio diante de uma presença que se impõe "de fora" da consciência cotidiana. Conforme o autor, essa

experiência pode variar em intensidade e forma: ir de uma maré suave de devoção serena a irrupções súbitas de êxtase, frenesi e terror. Pode assumir aspectos "selvagens" e primitivos ou se elevar ao belo e glorioso, culminando, por vezes, em humilde silêncio diante do mistério inexprimível. Essas tonalidades afetam a alma por um tempo — vibrando e ressoando — até se extinguirem, quando o sujeito retorna ao humor profano da vida cotidiana.

Silveira (2023) se apropria do conceito de numinoso de Otto para pensar a forma como os conteúdos inconscientes, sobretudo de natureza arquetípica, se apresentam à consciência com um "peso" e uma energia que ultrapassam a vontade do ego.

Laranjeira (2024) lembra que, ao dialogar com Otto, William James e Eliade, Jung compreende o "objeto numinoso" como aquele que simboliza o Deus Criador e, ao mesmo tempo, a totalidade psíquica – o Self. Assim, a vivência do sagrado, longe de ser mero fenômeno cultural, é compreendida como expressão de uma dinâmica interna, em que imagens divinas corporificam a relação entre o ego e o centro organizador da psique.

As manifestações simbólicas do sagrado são múltiplas e se expressam em mitos, ritos, sonhos e sincronicidades; aparecem também em fantasias, visões e experiências visionárias (Jung, OC 9/1, §§ 1-7; OC 11/1, §§ 50-108).

A literatura consultada enfatiza que a experiência religiosa nasce de um encontro com o numinoso, que transforma a consciência e inaugura uma nova relação com a vida. Na clínica junguiana, sonhos com figuras divinas, animais sagrados, mandalas, trabalho com caixa de areia, luzes ou presenças misteriosas são compreendidos como representações simbólicas dessa dimensão, convocando o sujeito a um trabalho de interpretação e integração (Alencar *et al.*, 2021; Barbosa, 2018; Otto, 2022).

Os símbolos buscam a totalidade do Self em função do Arquétipo Central, também conhecido nas religiões como imagem de Deus. Para Jung, a religião é definida como atitude cuidadosa (*relegere*) de observação escrupulosa diante do numinoso (Jung, OC 11/1, § 9), complementando o que Rudolf Otto descreveu sobre a experiência do sagrado. Numa vivência numinosa, o indivíduo experiencia uma transformação profunda na consciência, devido à disponibilidade de ser impactado por conteúdos do inconsciente (Marinho, 2022).

Laranjeira (2024) mostra como, no texto "Um mito moderno sobre coisas vistas no céu", Jung analisa sonhos e relatos sobre OVNI's como um mito contemporâneo que projeta no céu um "vir do alto" ora salvador, ora ameaçador, ilustrando a força do numinoso em constelar imagens de totalidade e de juízo sobre a condição humana.

Outros recursos expressivos, como a terapia de *Sandplay* (caixa de areia), iniciada por Dora Kalff (1904–1990) nas primeiras décadas do século passado, além do desenho, da pintura e da modelagem — frequentemente utilizados no *setting* psicoterapêutico junguiano —, constituem meios privilegiados para a emergência de imagens numinosas em forma concreta (Barbosa, 2018; Gregghi, 2024). Ao construir cenários simbólicos em miniatura ou ao desenhar temas que surgem em sonhos e fantasias, o paciente oferece à psique um espaço protegido para "encenar" o encontro com o sagrado, permitindo que conteúdos difíceis e inefáveis possam ser vistos, nomeados e gradualmente integrados (Barbosa, 2018; Chiarello, 2022; Otto, 2022).

Conforme Gregghi (2024), conteúdos arquetípicos constelados no interior de uma cultura permanecem ativos enquanto são necessários ao seu desenvolvimento simbólico. Eles sobrevivem e se transmitem sob formas narrativas e rituais — mitos, contos de fadas, lendas —, revestidos pelos valores e pelos significados de cada sociedade, mantendo sua função formativa sobre a consciência e podendo ser reatualizados clinicamente por meio do trabalho simbólico.

Partindo dos conceitos de inconsciente coletivo e arquétipo, a experiência religiosa é compreendida como experiência arquetípica, enraizada em vivências primordiais e universais que integram a base da psique. Nessa perspectiva, tal experiência não deriva prioritariamente de sistemas doutrinários, mas do irromper de conteúdos arquetípicos — um potencial inconsciente que pode ou não se desenvolver (Machado, 2012).

Ainda que não sejam necessariamente definidos como "religiosos" pelo paciente, tais conteúdos guardam muitas vezes a tonalidade afetiva do numinoso descrita por Otto (2022), isto é, uma combinação de fascínio e temor diante de algo que o transcende. A função terapêutica das experiências numinosas é amplamente sublinhada pelos autores analisados, na medida em que a vivência do numinoso e da espiritualidade é associada a transformação psíquica, integração do Si-mesmo e favorecimento da saúde mental (Alencar *et al.* 2021; Barbosa, 2018; Chiarello, 2022).

Alencar *et al.* (2021) observam que o contato com o numinoso é capaz de transformar valores, atitudes e projetos de vida, abrindo o caminho para um processo de individuação em que o sujeito se percebe inserido em uma ordem maior de sentido.

Laranjeira (2024) ressalta, contudo, que essa mesma força pode ser "ópio" ou fonte de alienação, quando o ego se identifica inflacionadamente com o conteúdo numinoso, assumindo posições messiânicas ou fundamentalistas.

O encontro com o sagrado, portanto, é ambivalente: pode situar o ego na sua justa medida frente ao Self, cultivando humildade e consciência de finitude, mas também pode engoli-lo e romper sua capacidade de discriminação (Alencar *et al.*; Laranjeira, 2024; Otto, 2022). Essa ambivalência exige, na clínica, uma postura de discernimento que não patologize automaticamente as experiências espirituais, mas tampouco as romantize de maneira ingênua (Barbosa, 2018; Chiarello, 2022; Laranjeira, 2024).

A psicologia anomalística e o estudo das experiências mediúnicas ajudam a refinar esse discernimento, evitando tanto a patologização automática dessas vivências quanto a romantização acrítica. Na psicologia analítica, experiências de tonalidade numinosa podem operar como conteúdos arquetípicos que, ao encontrarem simbolização, reordenam valores e ampliam a consciência pela função transcendente; sob certas condições, porém, podem precipitar rebaixamento do limiar da consciência, medo e desagregação, exigindo trabalho de assimilação para restaurar o equilíbrio da personalidade (Martinez *et al.*, 2022).

Desse ponto de vista, a condução clínica privilegia a avaliação de integração: preservação da prova de realidade, capacidade de simbolização, direção do processo (ampliação de consciência versus inflação), e repercussões na vida cotidiana (funcionamento, vínculos, sentido). Quando os conteúdos numinosos se articulam ao eixo ego–Self por meio da função transcendente, podem operar como material para a individuação; quando não, exigem ancoragem do ego, manejo de crise e, se necessário, avaliação interdisciplinar, para que a experiência não se converta em fator de desintegração (Martinez *et al.*, 2022).

Aplicações clínicas e terapêuticas da espiritualidade

Ao considerar a espiritualidade e a fé na clínica junguiana, é importante destacar que se trata menos de "usar a religião" como técnica e mais de acolher a dimensão espiritual como parte constitutiva da subjetividade.

A fé oferece, nesse sentido, uma matriz simbólica por meio da qual o sofrimento pode ser significado, evitando que o sujeito se veja apenas como vítima passiva do acaso. Os estudos sobre *coping* indicam que a religião oferece estratégias de enfrentamento que vão além dos mecanismos defensivos habituais, como negação ou esquiva, favorecendo a busca de sentido, o fortalecimento de vínculos comunitários e a percepção de uma presença protetora transcendente (Chiarello, 2022; Jaspard, 2004; Panzini, 2007).

Barbosa (2020) acrescenta que, para sujeitos que mantêm uma relação estruturada com práticas espirituais — como no contexto espírita kardecista —, a espiritualidade pode ser fator protetor, ampliando a resiliência frente a traumas e prevenindo, em certo grau, a instalação de transtornos psíquicos. No entanto, o autor também chama atenção para a necessidade de delimitar com clareza as diferenças entre o campo da psicoterapia e o da direção espiritual ou do cuidado religioso, para que não se confunda o espaço clínico com proselitismo ou com a validação acrítica de crenças.

Do ponto de vista da prática junguiana, a espiritualidade atua como prática integradora quando o terapeuta se dispõe a acolher, de forma respeitosa e crítica, o universo simbólico do paciente: seus ritos, orações, experiências extraordinárias, dúvidas e conflitos de fé (Barbosa, 2020; Chiarello, 2022; Laranjeira, 2024).

Laranjeira (2024) sustenta que a psicologia não precisa opor-se à religião como esfera antagônica, mas pode colocar-se como "humilde espectadora" do *mysterium tremendum et fascinans*, exercitando uma elasticidade simbólica que permita escutar aquilo que, para o paciente, é real e significativo, mesmo que não o seja para o terapeuta. Essa atitude dialogal evita respostas simplistas do tipo "faz bem" ou "faz mal" e favorece a investigação de como, concretamente, a experiência religiosa impacta a vida psíquica daquele sujeito.

Nesse contexto, a fé pode ser trabalhada como recurso psicológico no enfrentamento de conflitos internos. Em vez de ser tomada apenas como crença "certa" ou "errada", ela é reconhecida como forma de relação com o Self, que pode assumir tonalidades mais maduras ou mais infantis, mais abertas ao mistério ou mais rígidas e defensivas (Alencar *et al.*, 2021; Chiarello, 2022; Gewehr, 2021; Jung, OC 11/1 §§ 8–9, 100).

A análise junguiana, inspirada na postura de Jung em Psicologia e Religião, não julga o conteúdo teológico das crenças; busca, antes, compreender sua função

no equilíbrio da personalidade. O critério clínico deriva de perguntas como: esta forma de crer amplia ou restringe o campo de consciência? Favorece a responsabilização ou alimenta a heteronomia? Convida ao diálogo com a alteridade ou reforça posições de onipotência e exclusão? (Jung, OC 11/1, §§ 8–9, 100).

Contribuições Pós-Junguianas

Autores pós-junguianos oferecem importantes desenvolvimentos para essa prática. Marie-Louise von Franz enfatiza, em seus estudos sobre sincronicidade e adivinhação, que o Self se comunica frequentemente por meio de coincidências significativas e oráculos simbólicos, que não devem ser desprezados como "superstição", mas acolhidos como ocasião de diálogo com o inconsciente. Em termos clínicos, isso implica ajudar o paciente a discernir o sentido desses acontecimentos sem cair nem na credulidade mágica nem no ceticismo desqualificador, mantendo uma atitude simbólica e crítica ao mesmo tempo (Von Franz, 2022).

James Hillman, ao desenvolver a psicologia arquetípica, retoma a centralidade das imagens e insiste que a tarefa da clínica não é "curar a espiritualidade" do paciente, mas aprofundar sua relação com as imagens que o habitam, incluindo imagens religiosas, demoníacas, angélicas ou míticas. Desse ponto de vista, a fé é compreendida como fidelidade às imagens da alma, e não apenas como adesão a proposições dogmáticas. Essa perspectiva convida o terapeuta a investir na amplificação simbólica por meio de mitos, contos e obras de arte, como forma de alargar o horizonte de sentido no qual o paciente situa sua experiência espiritual (Hillman, 2022).

Em convergência com essa ênfase nas imagens, Joseph Campbell propõe, pela mitologia comparada, o ciclo do herói (partida–iniciação–retorno) como matriz narrativa universal que dramatiza processos de morte e renascimento psíquico. Em contexto clínico junguiano, esse repertório funciona como mapa simbólico para a amplificação de sonhos e experiências numinosas: o "chamado" pode ser lido como constelação arquetípica que convoca a travessia do limiar; as "provas" como confrontos com Sombra/complexos; o "auxílio do mentor" como emergência do Sábio/Anima; e o "retorno com o elixir" como integração que beneficia a vida cotidiana. Assim, a espiritualidade vivida encontra forma e sentido sem ser reduzida a doutrina, e o paciente é convidado a caminhar — não apenas a crer —, articulando narrativa, símbolo e individuação (Campbell, 2019, Campbell; Moyers, 2019).

Edward Edinger, por sua vez, enfatiza o eixo ego–Self como estrutura fundamental da psicologia analítica, mostrando como as imagens religiosas da tradição judaico-cristã podem ser compreendidas como representações simbólicas desse processo. A travessia da paixão, morte e ressurreição, por exemplo, pode ser trabalhada na clínica como modelo de transformação psíquica, ajudando o paciente a suportar experiências de ruptura e perda não como destruição absoluta, mas como passagem necessária em direção a uma nova configuração de si (Edinger, 2024).

Embora não substituam o processo de análise, tais práticas podem ser incorporadas como recursos complementares — por exemplo, na forma de diários de sonhos, meditações simbólicas ou pequenos rituais que marcam decisões importantes —, desde que sempre articuladas com o processo terapêutico e não impostas de modo normativo.

Discernimento Clínico: Espiritualidade e Psicopatologia

A distinção entre experiências espirituais autênticas e sintomas psicopatológicos constitui um dos desafios mais complexos da clínica contemporânea. Dalgalarrondo (2008), em sua obra *Religião, Psicopatologia & Saúde Mental*, oferece contribuições fundamentais para esse discernimento. O autor reconhece que a religiosidade é uma das dimensões mais marcantes da experiência humana e que sua relação com a saúde mental é multifacetada e complexa.

Dalgalarrondo (2008) apresenta critérios diferenciais entre experiências espirituais genuínas e manifestações psicopatológicas. Entre os indicadores de saúde psíquica em vivências religiosas, destacam-se: preservação do funcionamento social e ocupacional; capacidade de crítica e relativização da própria experiência; integração harmônica da vivência espiritual ao conjunto da personalidade; e ausência de sofrimento psíquico significativo ou prejuízo funcional. Por outro lado, indicadores de patologia incluem: ruptura com a realidade compartilhada; deterioração do funcionamento cotidiano; rigidez e ausência de flexibilidade no pensamento religioso; e presença de sofrimento intenso, desorganização ou comportamentos de risco.

O autor enfatiza que delírios religiosos, frequentemente presentes em quadros psicóticos como a esquizofrenia, diferenciam-se de experiências místicas autênticas por características específicas: são ego-sintônicos e incontestáveis para o sujeito; apresentam conteúdo bizarro e desconectado da tradição religiosa de origem; produzem desorganização do pensamento e comportamento; e são acompanhados

de outros sintomas psicóticos (alucinações, alterações formais do pensamento, embotamento afetivo).

Dalgalarrondo (2008) também aborda fenômenos como mediunidade, possessão e experiências de quase-morte, destacando que essas vivências, quando ocorrem dentro de contextos culturais e religiosos estruturados, não devem ser automaticamente patologizadas. O autor reforça a importância de avaliar o contexto cultural, a funcionalidade do indivíduo e o grau de integração da experiência à vida cotidiana antes de estabelecer qualquer diagnóstico.

Na perspectiva da psicologia analítica, Martinez *et al.* (2022) complementam esse discernimento ao propor que experiências de tonalidade numinosa podem operar como conteúdos arquetípicos que, quando encontram simbolização adequada, reordenam valores e ampliam a consciência por meio da função transcendente. Sob certas condições, porém, podem precipitar rebaixamento do limiar da consciência, medo e desagregação, exigindo trabalho de assimilação para restaurar o equilíbrio da personalidade.

Considerações Finais

A espiritualidade e a fé, compreendidas à luz da psicologia analítica, revelam-se como dimensões fundamentais do processo de individuação. Este estudo demonstrou que a vivência espiritual autêntica, quando integrada simbolicamente à totalidade psíquica, constitui um caminho legítimo para o Self e contribui significativamente para a realização da plenitude humana.

Os resultados obtidos evidenciam que a espiritualidade, quando vivenciada como função religiosa da psique no sentido de *religare*, impulsiona o desenvolvimento psicológico ao favorecer a integração entre aspectos conscientes e inconscientes. A experiência do numinoso, compreendida como *mysterium tremendum et fascinans*, apresenta-se como via de acesso ao arquétipo central, promovendo transformações profundas na estrutura da personalidade.

A fé, distinguida da adesão dogmática e compreendida como resposta afetivo-existencial ao sagrado, mostrou-se elemento essencial para a sustentação do sujeito em momentos de crise existencial e reorganização de sentido. As evidências da literatura confirmam que a dimensão religioso-espiritual, quando adequadamente

elaborada, favorece a saúde mental, a resiliência psíquica e o enfrentamento de traumas, desde que não se converta em inflação egóica ou alienação da realidade.

Do ponto de vista clínico, este trabalho apresenta contribuições relevantes ao propor critérios de discernimento entre experiências espirituais autênticas e manifestações psicopatológicas. A prática terapêutica pode beneficiar-se de uma escuta qualificada e acolhedora da dimensão espiritual, reconhecendo sua importância no processo de desenvolvimento da totalidade psíquica, sem reducionismos nem idealizações.

Uma limitação importante deste estudo reside no caráter exploratório e bibliográfico da investigação. Pesquisas futuras poderiam desenvolver estudos empíricos que avaliem os efeitos da integração da dimensão espiritual no contexto psicoterapêutico, bem como investigar de forma mais sistemática os critérios de diferenciação entre espiritualidade saudável e suas manifestações patológicas.

Conclui-se que a fé e a espiritualidade, vividas como confiança num sentido que se revela na trama da existência, constituem caminhos legítimos para o Self. A consideração cuidadosa dessa dimensão na teoria e na prática psicológica contribui para a realização da totalidade psíquica e para o cuidado integral da alma, promovendo uma psicologia verdadeiramente humanizada e atenta à complexidade da experiência humana.

Referências

ALENCAR, L. L. T. V.; JESUÍNO, F. M.; SILVA, A. N.; SANTOS, M. S. A importância da Espiritualidade como construtora do processo de individuação. **Revista Pró-UniverSUS**, Vassouras, v. 12, n. 1, p. 94-99, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rpu.v12i1.2736> Acesso em: 19 nov. 2025

BARBOSA, P.C.; **Impactos psicológicos da experiência espiritual na psique**. 2020. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2020. Disponível em: <https://ulbra-to.br/bibliotecadigital/uploads/document63dab510a3a91.pdf> Acesso em 18 nov. 2025.

CAMPBELL, J. **O Herói De Mil Faces**. Tradução de Adail U. Sobral. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAMPBELL, J.; MOYERS, B. **O Poder Do Mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. 9. ed. São Paulo: Palas Athena, 2019.

CHIARELO, R. G. Fé e espiritualidade na saúde mental: a importância da fé e da espiritualidade para o processo terapêutico. **Campinas: Faculdade Anhanguera**,

2022. Disponível em: <https://www.academia.edu/81653563>. Acesso em: 31 mar. 2025.

DALGALARRONDO, P. Religião, psicopatologia e saúde mental. Porto Alegre: Artmed, 2008.

EDINGER, Edward F. ***Ego e Arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung***. 1. ed. digital. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2024. eISBN 9786557362891. Disponível em: <plataforma/link>. Acesso em: 16 nov. 2025

GEWEHR, R. B. Além do cristianismo: Sobre a função religiosa no pensamento de C. G. Jung. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 1-23, abr. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982 Acesso em: 31 mar. 2025.

GREGHI, M. P. K. **O simbolismo da boca e dentes**. In: NASCIMENTO, G. R. (org.). *O símbolo no Sandplay: quando a imagem manifesta o inconsciente*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 11–26.

HILLMAN, J. **Psicologia arquetípica: uma introdução concisa**. 2. ed. Tradução de Lúcia Rosenberg; Gustavo Barcellos. São Paulo: Cultrix, 2022. eISBN 978-65-5736-145-0. Disponível em: <link do Kindle ou plataforma>. Acesso em: dia mês abreviado. ano. Acesso em: 16 nov. 2025.

JASPARD, J. M. **Significação religiosa do sofrimento e posição psicológica na fé**. Psicologia USP, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 191-212, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250047272_Significacao_religiosa_do_sofri mento e posicao psicologica na fe Acesso em: 16 nov. 2025.

JUNG, C. G. **Psicologia e religião**. 11. ed. (Obras completas, v. 11/1). Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Psicologia e religião oriental e ocidental**. 11. ed. (Obras completas, v. 11/4). Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Ego e o Inconsciente**. 11. ed. (Obras completas, v. 7). Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. (Obras completas, v. 9/1). Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. 11. ed. (Obras completas, v. 9/2). Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Psicologia e alquimia**. 11. ed. (Obras completas, v. 12). Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Prática da psicoterapia**. 11. ed. (Obras completas, v. 16). Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LARANJEIRA, G. C. Entre o ópio e o numinoso: um diálogo sobre religiosidade, experiência religiosa e religião. **Self – Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, v. 9, n. 1, 2024. Disponível em: <https://self.ijusp.org.br/self/article/view/181> Acesso em: 31 mar. 2025.

LEMOS, L. H. A psicologia da religião ocidental e oriental: a influência do círculo de Eranos no atendimento da religião na perspectiva de Carl Gustav Jung. **Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 12, n. 33, p. 251-252, 2014. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/CiencReligiao_SilveiraLH_1.pdf Acesso em: 16 nov. 2025.

MACHADO, V. S. A vivência religiosa no Candomblé e a concepção junguiana do *religare*. **Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo** (Rev. SPAGESP), Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 30-43, 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-29702012000200005&script=sci_abstract Acesso em: 16 nov. 2025.

MARINHO, F. F. P. **Considerações sobre a espiritualidade e sua relação com o processo de individuação**. 2022. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unichristus.edu.br/jspui/handle/123456789/1404> Acesso em: 16 nov. 2025.

MARTINEZ, M. D. *et al.* Experiências mediúnicas e dissociativas em Fernando Pessoa e C. G. Jung à luz da psicologia analítica e da psicologia anomalística. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 33, e210073, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/psicousp/article/view/202699/186803> Acesso em: 16 nov. 2025.

MIRANDA, P. C. G. Jung e a religião. **Self - Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, v. 4, n. 1, 2019. DOI: 10.21901/2448-3060/self-2019.vol04.0008. Disponível em: <https://self.ijusp.org.br/self/article/view/35> Acesso em: 31 mar. 2025.

OTTO, R. **O sagrado: elementos racionais e irracionais na noção do divino**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Enfrentamento religioso/espiritual (CRE). **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, 2007. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-608320070007000016&lng=en&nrm=iso Acesso em: 29 abr. 2022

SILVEIRA, N. **Jung: vida e obra**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

VON FRANZ, M. L. **Adivinhação e sincronicidade**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2022.